

---

## 60 ANOS DEPOIS: UM OLHAR SOBRE AS VARIÁVEIS MAPEADAS NO ESTADO DA ARTE DOS ATLAS LINGUÍSTICOS BRASILEIROS

60 YEARS LATER: A LOOK AT THE VARIABLES MAPPED IN THE STATE OF  
THE ART OF BRAZILIAN LINGUISTIC ATLASES

Regis José da Cunha Guedes<sup>1</sup>

### RESUMO

Este estudo objetivou apresentar e discutir o estado da arte dos atlas linguísticos brasileiros<sup>2</sup>, já publicados, elaborados e os atlas em andamento, com o propósito de observar quais os rumos da Geolinguística brasileira, nos últimos 60 anos, quanto às variáveis mapeadas nesses atlas, em especial a partir da criação do Comitê Nacional do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil) em 1996. Este trabalho amparou-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia Moderna, (Cardoso, 2010; 2013), (Aguilera, 2013), da Dialectologia Pluridimensional e Relacional (Radtke; Thun, 1996) e da Geossociolinguística (Razky, 1998). A metodologia utilizada foi a quali-quantitativa. Partindo-se de uma revisão bibliográfica e documental, realizou-se um levantamento de dados a partir da Plataforma Lattes, Google acadêmico e Repositórios de universidades sobre o estado da arte dos atlas linguísticos brasileiros. A partir dos resultados obtidos, verificou-se que a criação do Comitê Nacional do Projeto ALiB teve grande impacto, estimulando a produção de outros atlas linguísticos no Brasil. Além disso, a análise das metodologias adotadas nesses atlas linguísticos demonstrou que o número de variáveis linguísticas mapeadas tem aumentado e se diversificado.

**Palavras-Chave:** Atlas Linguísticos; Variáveis Linguísticas; Geolinguística.

### ABSTRACT

*This study aimed to present and discuss the state of the art of Brazilian linguistic atlases, already published, elaborated and the atlases in progress, with the purpose of observing the directions of Brazilian geolinguistics, in the last 60 years, regarding the variables mapped in these atlases, especially since the creation of the National Committee of the ALiB Project (Atlas Linguístico do Brasil) in 1996. This work was based on the theoretical-methodological*

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras: Estudos Linguísticos pelo PPGL da Universidade Federal do Pará. Professor efetivo da E.B.T.T. do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1743-1053>. E-mail: [regisbspaz@gmail.com](mailto:regisbspaz@gmail.com).

<sup>2</sup> O levantamento de dados aqui apresentado foi realizado no âmbito do Projeto GEOFALA - Geossociolinguística dos Falares Amazônicos, coordenado pelo professor Dr. Regis Guedes, na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) e no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Uma parcela deste levantamento foi realizada por Joisirlene Lima Brandão, para seu trabalho de conclusão de curso no Curso de Graduação em Letras: Língua Portuguesa da UFRA, sob a orientação do coordenador do projeto GEOFALA.

*assumptions of Modern Dialectology, (Cardoso, 2010; 2013), (Aguilera, 2013), Pluridimensional and Relational Dialectology (Radtko; Thun, 1996) and Geosociolinguistics (Razky, 1998). The methodology used was qualitative and quantitative. Starting from a bibliographic and documentary review, a data collection was carried out from the Plataforma Lattes, Google Scholar and University Repositories on the state of the art of Brazilian linguistic atlases. From the results obtained, it was verified that the creation of the National Committee of the ALiB Project, in 1996, had a large impact, stimulating the production of other linguistic atlases in Brazil. Moreover, the analysis of the methodologies adopted in these linguistic atlases demonstrated that the number of linguistic variables mapped has increased and diversified.*

**Keywords:** *Linguistic Atlases; Linguistic Variables; Geolinguistics.*

## 1 INTRODUÇÃO

O panorama da produção de atlas linguísticos no Brasil teve seu início há 60 anos, com a publicação do pioneiro Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), em 1963. Contudo, nas últimas décadas, houve uma ampliação significativa nesta área. Desde a criação do Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, em 1996, observou-se um aumento no volume de produtos geolinguísticos em território nacional.

Os primeiros passos para a construção de um atlas linguístico do Brasil remontam a pesquisadores pioneiros como Amadeu Amaral e Antenor Nascentes. Nascentes publicou em 1958 a obra *Bases para a Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, que preconizou o intento de pesquisadores brasileiros de seguir a tendência dos estudos geolinguísticos, que despontavam na Europa a partir do início do século XX.

Segundo Cardoso (2013),

A ideia de um atlas linguístico geral do Brasil, no que diz respeito à língua portuguesa, aflora no País, pelos meados do século XX, momento em que a Europa já incursionava pelos caminhos da Geografia Linguística, com o seguro passo dado por Gilliéron, ao trazer a lume o Atlas Linguistique de la France (1902-1910). (Cardoso, 2013, p. 4).

Impedidos de implementar o projeto do atlas nacional por falta de recursos materiais e humanos, os dialetólogos brasileiros se voltaram para a elaboração de atlas estaduais e regionais. Nessa perspectiva, deu-se a publicação do APFB, pela equipe coordenada pelo professor Nelson Rossi, na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Este atlas tornou-se uma referência nos estudos dialetológicos brasileiros, impulsionando outros pesquisadores a continuarem as pesquisas geolinguísticas em diversas regiões do país.

A retomada da ideia de se produzir um atlas linguístico em escala nacional no Brasil se deu justamente na UFBA, em 1996, quando foi constituído o Comitê Nacional do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), para definir diretrizes a serem seguidas neste projeto. Formado por pesquisadores de várias partes do Brasil, entre eles autores de atlas estaduais e regionais brasileiros, este Comitê realizou trabalhos volumosos nas últimas décadas do século passado, congregando mais de 28 universidades dentro e fora do país, culminando na publicação dos dois primeiros volumes do ALiB em 2014, o que configurou um marco para a história da Dialectologia brasileira.

O objetivo geral deste estudo é apresentar e discutir estado da arte dos atlas linguísticos brasileiros nos últimos 60 anos, no que se refere aos atlas linguísticos já

publicados, elaborados, além dos atlas em andamento, com o propósito analisar os rumos que a Geolinguística brasileira está tomando quanto às variáveis mapeadas nesses atlas, em especial a partir da criação do Comitê Nacional do Projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), em 1996. Objetivou-se de forma mais específica: (i) comparar o cenário nacional da produção de atlas linguísticos antes e depois da criação do Comitê Nacional do Projeto ALiB, (ii) discutir os avanços metodológicos da área de Dialetoлогия no período investigado e (iii) evidenciar as novas tendências dos estudos dialetológicos e geolinguísticos no Brasil. Para tanto, fez-se um levantamento de atlas e de trabalhos monográficos (teses e dissertações) do campo dialetológico e geolinguístico, com fins na produção de atlas linguísticos. Considerou-se aspectos cronológicos e metodológicos do campo de estudos geolinguísticos, no intuito de compreender os novos rumos que a Dialetoлогия e Geolinguística brasileira vêm tomando.

Esta pesquisa se justifica, por tratar-se de uma atualização das listas de atlas linguísticos produzidos no Brasil<sup>3</sup>. A partir dessa investigação, pretendeu-se obter resultados que demonstram o avanço dos trabalhos e o impacto que o Comitê Nacional do ALiB teve sobre a produção de novos estudos geolinguísticos brasileiros.

Em sua gênese, o Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil foi presidido pela professora Suzana Alice Marcelino Cardoso, referência da Dialetoлогия brasileira. Após seu falecimento, em 2018, a composição do Comitê foi atualizada, e atualmente tem a seguinte configuração: Jacyra Andrade Mota como presidente, Silvana Soares Costa Ribeiro como diretora executiva. Os diretores científicos são: Abdelhak Razky (UnB/UFPA), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Felício Wessling Margotti (UFSC), Maria do Socorro Aragão (UFC), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), Marilucia Barros de Oliveira (UFPA), Marcela M. Torres Paim (UFRPE), Valter Pereira Romano (UFSC), Regiane Coelho P. Reis (UFMS), Fabiane Cristina Altino (UEL) e Conceição Maria de A. Ramos (UFM).

O presente estudo apresenta um levantamento bibliográfico dos atlas linguísticos brasileiros e uma discussão acerca das metodologias adotadas neles, e está estruturado em cinco seções. Esta introdução é sucedida por uma seção em que se faz uma breve revisão de literatura, que norteia as análises da pesquisa. Na terceira seção são apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa. Na quarta seção são apresentados e discutidos os resultados. Na quinta seção são apresentadas as considerações finais do trabalho.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

Com o surgimento da Dialetoлогия no início do século XIX, e o desejo de se estudar as línguas e a sua diversificação no espaço geográfico, surge o método geolinguístico, por meio do qual os atlas linguísticos buscam cartografar a diversidade linguística. Esse movimento é inspirado em trabalhos como os de Adrien Balbi (1826), *Atlas Ethnographique du Globe*, e de Biondelli (1841), *Atlas Linguistique de l'Europe*.

Segundo Dubois (1978), a Dialetoлогия tem como foco dois aspectos: a descrição dos diferentes dialetos em que a língua pode se diversificar; e os limites estabelecidos em um espaço geográfico, onde uma fala atua e pode ser tomada isoladamente, sem que haja preocupação com a família linguística. Para o autor,

Designa a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites. Emprega-se também para a descrição de falas tomadas

---

<sup>3</sup> Levantamentos realizados por Altino (2007), Guedes (2012), Romano (2013), Reis (2013), Guedes (2017), Silva e Romano (2022).

isoladamente, sem referência às falas vizinhas ou da mesma família (Dubois, 1978, p. 185).

A Geolinguística, por seu turno, é um campo da linguística responsável por mapear a variação da língua relacionada ao espaço geográfico, com o compromisso de registrar o falar dos informantes e cartografar esses resultados.

Cardoso (2010, p. 68) descreve: “O começo da Geolinguística está, assim, marcado pela busca da realidade nacional, entendida como a descrição linguística da área que, geográfica e politicamente, se reveste de unidade”. É nessa perspectiva que surgem os trabalhos de Wenker (1881), Atlas Linguístico da Alemanha Setentrional e Central e de Gilliéron e Edmont (1902-1910), Atlas Linguístico da França.

Na segunda metade do século XX, com o surgimento dos estudos variacionistas de Labov, as variáveis extralinguísticas, na dimensão social da linguagem ganha espaço no universo da linguística. A partir dessa perspectiva os estudos dialetológicos passam a se ocupar dessas variáveis, ampliando o escopo para além do nível diatópico, tradicionalmente mapeado, surgindo o que se entende por Moderna Dialetologia. A ampliação do mapeamento das variáveis sociais (sexo, idade, escolaridade, renda etc.) preconizam o surgimento da perspectiva geossociolinguística.

O termo Geossociolinguística foi criado por Razky (1998), a partir da junção dos estudos geolinguísticos e sociolinguísticos. Até a primeira metade do século XX, os estudos geolinguísticos se restringiam ao mapeamento da variável diatópica. A partir do surgimento dos estudos labovianos, os atlas linguísticos passaram a mapear as variáveis sociais, quais sejam: diastrática (nível social do falante), diagenérica ou diassexual (sexo), diageracional (faixa etária), dentre outras.

Nesta mesma perspectiva de ampliação das variáveis mapeadas na Geolinguística, destacam-se os estudos realizados por Radtke e Thun (1996), a Dialetologia Pluridimensional e Relacional, e por Guy (2012), sociodialetal, que acolhem as dimensões sociais no escopo de estudo, descrevem e ampliam as metodologias e abordagens adotadas no fazer geolinguístico. Thun (1998, p. 703), apresenta o conceito de “sociologização da Dialetologia”, no qual afirma que os dois campos de estudo, a Dialetologia e a Sociolinguística, são limitadas caminhando separadamente, sendo necessário, portanto, que ambas se unissem para que a língua pudesse ser estudada de maneira horizontal (aspecto geográfico) e de maneira vertical (aspectos extralinguísticos). Pode-se evitar, assim, as duas conclusões perigosas da Dialetologia Monodimensional (a que se detém ao mapeamento da variável geográfica): a suposta uniformidade da paisagem linguística (falta de variação, mapa cheio de formas idênticas) e da suposta ausência total dos fenômenos potencialmente variáveis (mapa vazio) (Thun, 1998).

Nesse sentido, o objetivo da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, segundo Thun, é analisar a língua partindo-se da área geográfica, e somando-se a ela todas as dimensões extralinguísticas possíveis, como escolaridade, sexo, idade, classe social, religião, contato de línguas, contexto de uso e outros aspectos históricos e culturais.

O Projeto ALMA – Atlas Linguísticos das Minorias Alemãs, criado na perspectiva dos estudos de Thun (2005), mapeia diversas dimensões e parâmetros, englobando a dimensão espacial/geográfica e as seguintes variáveis extralinguísticas:

Quadro 1 - Variáveis estudadas no Projeto ALMA

Dimensão	Parâmetro	Critério
Diatópica	Topostático (informantes com domicílio fixo)	38 pontos de inquérito

<b>Diatópico-cinética</b>	Topodinâmico (domicílio fixo e mudança de domicílio – mobilidade espacial)	Em grande parte, também relação entre colônias velhas e novas (colônia-mãe e colônia-filha)
<b>Diastrática</b>	Ca= “classe (socioculturalmente) alta” Cb= “classe (socioculturalmente) baixa”	Ca (com formação universitária parcial ou completa) Cb (até ensino médio + profissão que não exija o uso da escrita)
<b>Diageracional</b>	GII (geração mais velha) GI (geração mais jovem)	= acima de 55 anos = 18 a 36 anos
<b>Diagenérica</b>	Homens vs. Mulheres	
<b>Dialingual</b>	Hunsrückisch vs. Português vs. Alemão-Padrão	Esta dimensão é complementada com dados dos atlas lingüísticos do Português (ALERS e ALiB)
<b>Diafásica</b>	Respostas ao questionário vs. leitura vs. conversa livre	Três estilos de uso da língua
<b>Diarreferencial</b>	Língua-objeto vs. metalingua incluindo língua apresentada	“técnica de entrevista em três tempos” (Thun, ADDU): perguntar (resposta espontânea) – insistir – sugerir
<b>Diarreligioso</b>	Católico vs. Evangélico-Luterano	

Fonte: < <https://www.ufrgs.br/projalma/dimensoes/>>

Na perspectiva geossociolinguística (Razky, 1998), considera-se que as variáveis sociais são indispensáveis para a compreensão completa da variação linguística. O desenvolvimento dessa perspectiva levou à consideração de diversas variáveis sociais no mapeamento geossociolinguístico dos dados de fala. Por exemplo, Guedes (2020, p. 110-111) demonstra a possibilidade de se mapear a variação linguística a partir da perspectiva diaétnica:

A variável diaétnica consiste nas influências do fator etnicidade do colaborador na variação linguística. Em nossa percepção, a pertença de um indivíduo a um determinado grupo étnico induz o mesmo a atitudes linguísticas comuns a esse grupo, à uma prática linguística que é, ao mesmo tempo, uma prática identitária. Sendo parte da cultura, as línguas faladas por uma comunidade de fala são diretamente afetadas pela visão de mundo dessa comunidade, por seus costumes e valores, pelo sentimento de pertença ao grupo.

Essa diversidade de abordagens metodológicas proporcionou classificações dadas aos atlas lingüísticos nas últimas décadas. Os atlas considerados monodimensionais se preocupam em mapear somente uma dimensão, a diatópica, também conhecida como geográfica ou espacial. De acordo com Guedes (2017, p. 66),

A dimensão diatópica ou geográfica foi a primeira que os dialetólogos se ocuparam de mapear. Na realidade, era justamente a delimitação geográfica de falares (línguas, dialetos) o objeto de estudo dos primeiros atlas lingüísticos, como o da França e da Alemanha. Esses estudos tradicionalmente buscavam traçar isoglossas sobre os mapas dos territórios cujos falares eram estudados, no intuito de estabelecer-lhes os limites.

A classificação bidimensional é dada aos atlas lingüísticos que mapeiam, além da dimensão diatópica, uma outra variável, que normalmente é a diagenérica (variação entre homens e mulheres), ou a diageracional (idade dos informantes).

A classificação pluridimensional, ou multidimensional, tem sido atribuída aos estudos geolinguísticos nos quais, além da variável diatópica, esta que pode ser estudada a partir de uma perspectiva topostática (informantes nativos que não se mudaram) e topodinâmica ou diatópico-cinética (migrantes), são mapeadas simultaneamente as dimensões diagenérica, diageracional, diastrática e outras, como a diafásica (contexto de uso e estilo de fala), dialingual (contato de línguas), diarreferencial (impressões do falante quanto à[s] língua[s])

que fala, diarreligiosa (quanto à religião praticada), diaétnica (referente à etnia a que pertence), diazonal (zonas rural e urbana), dentre outras.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia dessa pesquisa é de natureza bibliográfica e se fundamenta no método quali-quantitativo, uma vez que, para compor o *corpus* deste estudo, foi feito um levantamento de pesquisas já realizadas e uma avaliação do andamento da produção na área de Dialetoлогия e Geolinguística no Brasil.

A pesquisa bibliográfica é concebida por vários autores, para Fonseca (2002) é feita,

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (Fonseca, 2002, p. 32).

Desse modo, o pesquisador analisa o que foi selecionado e busca compreender o que foi produzido, a partir de livros, dissertações, teses e outros trabalhos.

No primeiro momento deste estudo, os dados foram coletados a partir da Plataforma Lattes, Google Acadêmico e repositórios de universidades nos quais os trabalhos são disponibilizados, dessa forma, teve-se acesso e se pôde verificar os atlas linguísticos já publicados ou elaborados como dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Os dados coletados neste levantamento do estado da arte do atlas linguísticos brasileiros demonstraram a existência de 83 produtos geolinguísticos, entre atlas publicados/elaborados e projetos em andamento. Dentre estes, 65 são atlas já publicados em formatos de livro/CD ROM ou elaborados em forma de monografias (dissertações e teses). Porém, não se teve acesso aos textos de 6 desses trabalhos<sup>4</sup>, por não estarem disponíveis nos repositórios e *sites* consultados. O levantamento apresentou ainda 18 trabalhos em andamento, entre projetos de atlas, dissertações e teses. Destes trabalhos em andamento, foi possível identificar as variáveis mapeadas em 8 deles, a partir de publicações parciais dos *corpora* e metodologias destes projetos em formato de artigos em revistas ou capítulos de livros. Por tanto, o quantitativo de produtos geolinguísticos efetivamente analisados neste estudo é de 67, excetuando-se os atlas publicados/elaborados dos quais não se teve acesso, e acrescentando-se os estudos em andamento disponíveis nas plataformas consultadas.

Procedeu-se uma minuciosa revisão dos trabalhos coletados, com ênfase em trabalhos intitulados como “atlas linguísticos”, bem como trabalhos em andamento. As buscas partiram principalmente dos currículos dos pesquisadores que compõem o Comitê Nacional do ALiB, no campo de produções e orientações de teses e dissertações. Após essa identificação foram feitas buscas no google acadêmico e em repositórios das universidades vinculadas a esses pesquisadores.

De posse dos trabalhos coletados, foi feita uma análise dos aspectos metodológicos adotados em cada um deles, em busca de observar quais variáveis linguísticas são mapeadas em cada estudo. Os dados foram organizados e sistematizados em tabelas, quadros e gráficos, identificando elementos como nome do autor do trabalho, título, ano de publicação ou defesa, natureza e variáveis linguísticas consideradas em cada estudo. Em seguida foi organizado um quadro em ordem cronológica com as informações coletadas.

Na seção a seguir, é apresentado o estado da arte dos atlas linguísticos brasileiros nos últimos 60 anos, isto é, no interstício de 1963 a 2023. Os dados são apresentados e discutidos, levando-se em consideração os aspectos assinalados nesta seção.

---

<sup>4</sup> Assinalados no quadro 2, a seguir, com um asterisco “\*”.

## 4 RESULTADOS

Nesta seção, apresenta-se e discute-se o estado da arte dos atlas linguísticos brasileiros, evidenciando-se as variáveis mapeadas nestes produtos geolinguísticos.

Apresenta-se, a seguir, o quadro 2, contendo o levantamento de atlas publicados/elaborados, bem como os 8 projetos em andamento, dos quais se teve acesso à metodologia utilizada.

Quadro 2 - Estado da arte dos atlas linguísticos brasileiros

<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Natureza</b>	<b>Autor</b>	<b>Variáveis</b>
<b>Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB</b>	1963	Atlas	Nelson Rossi	Diatópica
<b>Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG</b>	1977	Atlas	Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Ribeiro, José Passio, Antônio Gaio	Diatópica
<b>Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB</b>	1984	Atlas	Maria do Socorro Aragão, Cleuza Bezerra de Menezes	Diatópica
<b>Atlas Linguístico de Sergipe – ALS I</b>	1987	Atlas	Nelson Rossi	Diatópica Diagenérica
<b>Atlas Linguístico do Paraná – ALPR</b>	1994	Atlas	Vanderci de Andrade Aguilera	Diatópica Diagenérica
<b>Esboço de um Atlas Linguístico de Tamarana/PR</b>	1997	Monografia	Rosana Simone Fabris	*
<b>Esboço de um Atlas Linguístico de Centenário do Sul</b>	1997	Monografia	Tânia Mara de Podestá Pizolato	*
<b>Pequeno Atlas Linguístico de Jaú</b>	1997	Monografia	Ana Paula Toratti	*
<b>Estudo com vistas a um Atlas Linguístico da Ilha de Santa Catarina: Abordagem de aspectos semânticos lexicais</b>	1999	Dissertação	Lígia Maria Campos Imaguire	Diatópica, Diagenérica, Diageracional
<b>Atlas Linguístico de Sergipe II – ALS II</b>	2002	Atlas	Suzana Alice Marcelino Cardoso	Diatópica, Diagenérica
<b>Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul - ALERS</b>	2002	Atlas	Walter Koch, Mário Silfredo Altenhofen	Diatópica
<b>Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Pará - ALiSPA</b>	2004	Atlas	Abdelhak Razky	Diatópica, Diagenérica, Diageracional
<b>Atlas Linguístico do Amazonas - ALAM</b>	2004	Tese	Maria Luiza de Carvalho Cruz	Diatópica Diagenérica Diageracional
<b>Atlas Linguístico de Adrianópolis</b>	2004	Dissertação	Fabiane Cristina Altino	*
<b>Atlas Fonético do Entorno da Baía da Guanabara - AFEBG</b>	2006	Dissertação	Luciana Gomes de Lima	Diatópica, Diagenérica, Diageracional

<b>Atlas Linguístico do Município de Ponta-Porã – Mato Grosso do Sul - ALIPP</b>	2006	Dissertação	Regiane Coelho Pereira Reis	Diatópica, Diagenérica, Diafásica, Dialingual
<b>Atlas Semântico-Lexical da Região do Grande ABC</b>	2007	Tese	Adriana Cristina Cristianini	Diatópica, Diagenérica, Diageracional
<b>Atlas Geolinguístico do Litoral Potiguar - ALIPTG</b>	2007	Tese	Maria das Neves Pereira	Diatópica, Diagenérica, Diageracional
<b>Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul - ALMS</b>	2007	Dissertação	Dercir Pedro de Oliveira	Diatópica, Diagenérica Diageracional Diastrática
<b>Atlas Linguístico-etnográfico da Região Oeste do Paraná - ALERO</b>	2007	Atlas	Sanimar Busse	Diatópica, Diageracional, Diagenérica, Diastrática
<b>Atlas Linguístico do Paraná II ALPR</b>	2007	Tese	Fabiane Cristina Altino	Diatópica, Diagenérica
<b>Atlas Linguístico de São Francisco do Sul - SC</b>	2008	Tese	Tânia Braga Guimarães	Diatópica, Diageracional, Diagenérica, Diastrática
<b>Micro-atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro – Micro AFERJ</b>	2008	Tese	Fabiana da Silva Campos Almeida	Diatópica, Diageracional, Diagenérica
<b>Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco - ALMASPE</b>	2009	Dissertação	Edilene Maria Oliveira de Almeida	Diatópica, Diageracional, Diagenérica, Diastrática
<b>Atlas Linguístico da Mesorregião Sudeste do Mato Grosso - ALMESEMT</b>	2009	Dissertação	Marigilda Antônio Cuba	Diatópica, Diageracional, Diagenérica, Diastrática
<b>Atlas Linguístico do Iguatu - ALIg</b>	2009	Dissertação	Fabiana dos Santos Lima	Diatópica, Diazonal, Diagenérica, Diageracional, Diastrática
<b>Atlas Linguístico do Ceará –ALECE</b>	2010	Atlas	Alexandre Caskey, José Carlos Gonçalves, Mário Roberto Lobuglio Zágari	Diatópica, Diageracional, Diagenérica, Diastrática
<b>Atlas Semântico-lexical de Caraguatatuba Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba – municípios do litoral norte de São Paulo</b>	2010	Tese	Márcia Regina Teixeira da Encarnação	Diatópica, Diageracional, Diagenérica
<b>Atlas Linguístico do Acre: Cartas Fonéticas da Região do Purus</b>	2011	Dissertação	Lindinalva Messias do Nascimento Chaves	Diatópica, Diagenérica, Diageracional Diastrática Diafásica
<b>Atlas Linguístico de Buíque - ALIBUI</b>	2011	Monografia	Joseane Cavalcante Ferreira	*

<b>Atlas Linguístico de Capistrano</b>	2011	Dissertação	Jamyle dos Santos	Diatópica, Diagenérica, Diageracional Diastrática
<b>Atlas Linguístico dos Falares do Baixo Amazonas - AFBAM</b>	2011	Dissertação	Roseanny de Melo Brito	Diatópica, Diagenérica, Diageracional
<b>Atlas Linguístico dos Falares do Alto Rio Negro - ALFARiN</b>	2012	Dissertação	Jeiviane dos Santos Justiniano	Diatópica, Diagenérica, Diageracional
<b>Atlas Semântico Lexical da Região Norte do Alto Tietê - ReNAT</b>	2012	Tese	Rita de Cássia da Silva Soares	Diatópica, Diagenérica Diageracional
<b>Atlas Semântico Lexical do Estado de Goiás</b>	2012	Tese	Vera Lúcia Dias dos Santos Augusto	Diatópica, Diagenérica, Diageracional, Diastrática
<b>Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar</b>	2012	Tese	Moisés Batista da Silva	Diatópica, Diastrática, Diagenérica, Diageracional
<b>Atlas Geossociolinguístico de Londrina - AGeLO</b>	2012	Dissertação	Valter Pereira Romano	Diatópica, Diagenérica, Diageracional, Diastrática
<b>Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE)</b>	2013	Tese	Edmilson José de Sá	Diatópica, Diastrática, Diageracional, Diagenérica
<b>Esboço do Atlas do Falar dos Nipo-brasileiros do Distrito Federal: aspecto semântico-lexical</b>	2013	Tese	Yuko Takano	Diatópica, Diagenérica, Dialingual
<b>Variação Linguística do Português em Contato Com o Espanhol e o Guarani Na Perspectiva do Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira entre Brasil/Paraguai - ALF-BR PY</b>	2013	Tese	Regiane Coelho Pereira Reis	Diatópica, Dialingual, Diageracional, Diagenérica
<b>Atlas Linguístico de Corumbá e Ladário - ALiCoLa</b>	2013	Dissertação	Beatriz Aparecida Alencar	Diatópica, Diagenérica, Diageracional,
<b>Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo</b>	2014	Dissertação	Ariane Cardoso dos Santos	Diatópica, Topodinâmica, Diagenérica, Diageracional, Diastática
<b>Atlas Linguístico do Brasil - ALiB VOL. I e II</b>	2014	Atlas	Suzana Cardoso, Jacyra Mota, Vanderci Aguilera, Maria do Socorro Aragão, Aparecida Negrui Insquerdo, Abdelhak Razky, Felício Margotti, Cléo Vilson Altenhofen	Diatópica, Diagenérica, Diageracional, Diastrática
<b>Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico</b>	2015	Tese	Marigilda Antônio Cuba	Diatópica Topostática,

				Diatópica Topodinâmica, Diagenérica, Diageracional
<b>Atlas Semântico-Lexical Do Norte De Mato Grosso – ASLNMAT: Suas Influências Topodinâmicas</b>	2015	Dissertação	Antônio Tadeu Gomes de Azevedo	Diatópica Topostática, Diatópica Topodinâmico, Diagenérica, Diageracional, Diafásica
<b>Atlas Linguístico de Curiúva</b>	2015	Dissertação	Fátima Siqueira	Diatópica, Diageracional, Diagenérica, Diastrática
<b>Perfil Geossociolinguístico do Português em Contato com Línguas Tupi-Guaraní em Áreas Indígenas dos Estados do Pará e Maranhão</b>	2017	Tese	Regis José da Cunha Guedes	Diatópica, Diageracional, Diagenérica, Diastrática, Diarreferencial Dialingual Diaétnica
<b>Atlas Linguístico Icatu - ALiNI</b>	2017	Dissertação	Thaiane Alves Mendonça	Diatópica, Diagenérica, Diageracional, Diastrática
<b>Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará - AGQUINPA</b>	2017	Tese	Marcelo Pires Dias	Diatópica, Diagenérica, Diageracional
<b>Mapeamento Lexical do Português Falado pelos Wajãpi no Estado do Amapá: Uma abordagem geossociolinguística</b>	2017	Dissertação	Maria Doraci Guedes Rodrigues	Diatópica, Diagenérica, Diageracional, Diastrática
<b>Atlas Morfossintático da Microrregião do Madeira - AMSIMA</b>	2017	Dissertação	Liliane Sampaio Tavares	Diatópica, Diagenérica, Diageracional
<b>Atlas Linguístico do Amapá - ALAP</b>	2017	Atlas	Abdelhak Razky, Celeste Ribeiro, Romário Sanches	Diatópica, Diagenérica, Diageracional, Diastrática
<b>Atlas Linguístico de Icatu-MA - ALiNI</b>	2017	Dissertação	Thaiane Alves Mendonça	Diatópica, Diagenérica, Diageracional
<b>Estudo Geossociolinguístico do Léxico do Português Falado em Áreas Indígenas de Língua Tupi-Guaraní nos Estados do Pará e Maranhão</b>	2018	Tese	Eliane Oliveira da Costa	Diatópica, Diagenérica Diastrática, Diageracional, Dialingual
<b>Atlas Linguístico do Sul Amazonense - ALSAM</b>	2018	Tese	Edson Galvão Maia	Diatópica, Diagenérica, Diageracional, Diastrática
<b>Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins - ALITTETO</b>	2018	Tese	Greize Alves da Silva	Diatópica-cinética, Diatópica Topodinâmica, Diastrático, Diageracional, Diagenérica

<b>Atlas Semântico-Lexical de Colíder-Mato Grosso - ASeLCo</b>	2018	Dissertação	Maria José Basso Marques	Diatópica, Diageracional, Diagenérica
<b>Atlas Etnolinguístico do Acre - ALAC</b>	2018	Atlas	Luísa Galvão Lessa Karlberg	Diatópica, Diagenérica, Diageracional, Diastrática
<b>Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses - ALSCE</b>	2019	Tese	Fabiana dos Santos Lima	Diatópica, Diagenérica, Diastrática, Diageracional
<b>Atlas Linguístico Pluridimensional do Português Paulista</b>	2019	Tese	Selmo Ribeiro Figueiredo Junior	Diatópica, Diagenérica, Diageracional, Diastrática
<b>Atlas Linguístico dos Karipuna do Amapá - ALIKAP</b>	2020	Atlas	Romário Duarte Sanches	Diatópica, Diagenérica, Diageracional, Dialingual
<b>Atlas Linguístico do Norte Pioneiro do Paraná - ALINPIPR</b>	2021	Tese	Thiago Leonardo Ribeiro	Diatópica, Diagenérica, Diageracional
<b>Atlas Semântico-Lexical do Vale do Itajaí - ASELVI</b>	2022	Dissertação	Greise Schmitz de Bitencourt	*
<b>Contatos intervarietais das variedades Sul-Rio-Grandense e Paulista nos dados do Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros</b>	2023	Tese	Amanda Chofard	Diatópica, Diagenérica, Diageracional, Diastrática, Diazonal
<b>Atlas Semântico - Lexical de Balneário Barra do Sul – Santa Catarina</b>	2023	Dissertação	Ana Paula Câmara	Diatópica, Diagenérica, Diageracional
<b>Atlas Léxico-Semântico do Pará - ALSPA</b>	Em andamento	Atlas	Abdelhak Razky, Regis Guedes, Eliane Costa	Diatópica, Diagenérica, Diageracional
<b>Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemãs da Bacia do Prata - ALMA</b>	Em andamento	Atlas	Cléo Altenhofen, Harald Thun	Diatópica, Diatópico-cinética (Topodinâmica), Diastrática, Diageracional, Diagenérica, Dialingual, Diafásica, Diarreferencial, Diarreliosa
<b>Atlas Linguístico-Etnográfico do Vale do Acaraú- ALEVA</b>	Em andamento	Atlas	Regis José da Cunha Guedes	Diatópica, Diagenérica, Diageracional, Dialingual, Diaétnica
<b>Atlas Linguístico do Litoral Pernambucano</b>	Em andamento	Atlas	Edmilson José de Sá	Diatópica, Diagenérica, Diageracional
<b>Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte - ALiRN</b>	Em andamento	Atlas	Maria do Socorro Silva de Aragão	Diatópica, Diagenérica, Diageracional

<b>Atlas Linguístico do Maranhão - ALIMA</b>	Em andamento	Atlas	Conceição de Maria de Araújo Ramos	Diatópica, Diagenérica, Diageracional, Diastrática
<b>Atlas Linguístico Contatual Português Tupi-Guaraní da Amazônia Oriental - ALiPoTupi</b>	Em andamento	Atlas	Regis José da Cunha Guedes	Diatópica, Diageracional, Diagenérica, Diastrática, Diarreferencial Dialingual Diaétnica
<b>Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas - ALiPAI</b>	Em andamento	Atlas	Abdelhak Razky, Regis Guedes, Eliane Costa	Diatópica, Diageracional, Diagenérica, Diastrática, Dialingual, Diaétnica

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

O presente levantamento registrou também os seguintes projetos em andamento, dos quais não se teve acesso à metodologia empregada:

Quadro 3 - Listas de atlas brasileiros em andamento

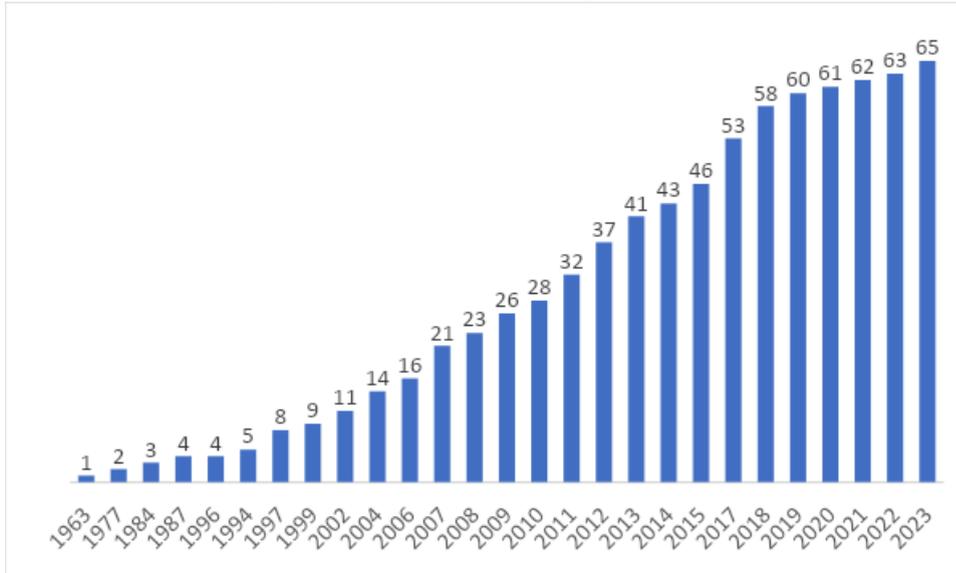
	<b>Título</b>
<b>1</b>	Atlas Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil - ASLIB
<b>2</b>	Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Rio de Janeiro - ALiSon-Rio
<b>3</b>	Atlas Linguístico da Fronteira do Estado do Paraná com o Paraguai
<b>4</b>	Atlas Linguístico de São Paulo- ALESP
<b>5</b>	Atlas Linguístico do Espírito Santo - ALES
<b>6</b>	Atlas Linguístico do Piauí - ALiPI
<b>7</b>	Atlas Linguístico de Rondônia - ALiRO
<b>8</b>	Atlas Linguístico do Litoral Sul-Matogrosense
<b>9</b>	Atlas Linguístico do Litoral de Pernambuco - ALITOPÉ
<b>10</b>	Atlas Linguístico de Roraima - ALiRR

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A quantidade de produtos geolinguísticos apresentados no quadro 2, bem como de projetos de atlas linguísticos em andamento, indicados no quadro 3 (acima), demonstra a produtividade do campo da Geolinguística no Brasil, que vem aumentando gradativamente nas últimas décadas, como demonstra o gráfico 1, a seguir.

Fazendo-se uma quantificação dos resultados obtidos no quadro 2, verifica-se que, antes da criação do Comitê Nacional do ALiB, em 1996, o Brasil contava com 5 atlas linguísticos publicados, em um intervalo de tempo de 33 anos (entre 1963 e 1996). No intervalo de tempo entre 1996 e 2023, decorrido um período de 27 anos, obteve-se um número de 60 atlas publicados ou elaborados como teses e dissertações. Esse fluxo pode ser observado no gráfico 1:

Gráfico 1 - Linha do Tempo da Produção de Atlas Linguísticos no Brasil



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Como se pode observar, a criação do Comitê Nacional do ALiB, no ano de 1996, representa um marco histórico para a Geolinguística brasileira, tendo impulsionado significativamente a produção de atlas linguísticos no Brasil desde então.

Quanto ao levantamento das dimensões mapeadas no conjunto dos atlas linguísticos brasileiros publicados/ elaborados, e em andamento (aos quais se teve acesso), apresentado no quadro 2, pode-se afirmar, portanto, que há uma tendência seguida pela Geolinguística brasileira nas últimas décadas de privilegiar a abordagem pluridimensional. Além das dimensões já estudadas pela Moderna Dialectologia, quais sejam: Diatópica, Diagenérica (Diassexual), Diageracional e Diastrática, observou-se a inclusão das seguintes variáveis:

- **Diafásica:** essa dimensão mapeia o falar do informante de acordo com a situação em que se encontra. É chamada também de “variação situacional”. Essa dimensão é controlada nos Atlas Linguístico do Município de Ponta-Porã – Mato Grosso do Sul – ALIPP (Reis, 2006) e no Atlas Linguístico Do Acre: Cartas Fonéticas Da Região Do Purus (Chaves, 2011);
- **Diazonal:** mapeia o falar nas zonas rural e urbana. Os atlas que mapeiam essa variável linguística são o Atlas Linguístico do Iguatu – ALIg (Lima, 2009) e o Contatos Intervarietais das variedades Sul-Rio-Grandense e Paulista nos dados do Projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros (Chofard, 2023);
- **Topodinâmica:** (em oposição à Topostática) compara dados de informantes nascidos na localidade com os de migrantes. Essa variável é estudada no Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo (Santos, 2014), Atlas Linguístico Topodinâmico do Território Incaracterístico (Cuba, 2015) e Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins - ALiTTETO (Silva, 2018);

- **Dialingual:** estuda contextos de contato linguístico, é abordada no Atlas Linguístico do Município de Ponta-Porã – Mato Grosso do Sul – ALIPP (Reis, 2006), no Esboço do Atlas do Falar dos Nipo-brasileiros do Distrito Federal: aspecto semântico-lexical (Takano, 2013), e nos estudos: Variação Linguística do Português em Contato com o Espanhol e o Guaraní na Perspectiva Do Atlas Linguístico-Contatual da Fronteira entre Brasil/Paraguai - ALF-BR PY (Reis, 2013); Perfil Geossociolinguístico do Português em Contato com Línguas Tupí-Guaraní em Áreas Indígenas dos Estados do Pará e Maranhão (Guedes, 2017); Estudo Geossociolinguístico do Léxico do Português Falado em Áreas Indígenas de Língua Tupí-Guaraní nos Estados do Pará e Maranhão (Costa, 2018); Atlas Linguístico Contatual Português Tupi-Guarani da Amazônia Oriental – ALiPoTupi (Guedes, s/d.), e no Atlas Linguístico dos Karipuna do Amapá (Sanches, 2020);
- **Diarreferencial:** estuda as impressões dos informantes quanto à(s) língua(s) faladas por ele e por sua comunidade de fala. Esta variável foi mapeada no estudo Perfil Geossociolinguístico do Português em Contato com Línguas Tupí-Guaraní em Áreas Indígenas dos Estados do Pará e Maranhão (Guedes, 2017) e consta da metodologia dos projetos Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemãs da Bacia do Prata – ALMA (Altenhofen; Thun, s/d) e Atlas Linguístico Contatual Português Tupi-Guarani da Amazônia Oriental – ALiPoTupi (Guedes, s/d);
- **Diaétnica:** estuda os impactos do fator etnia na variação linguística, é considerada na tese de Guedes (2017), no projeto Atlas Linguístico Contatual Português Tupi-Guarani da Amazônia Oriental – ALiPoTupi (Guedes, s/d), e no projeto Atlas Linguístico Etnográfico do Vale do Acará - ALEVA (Guedes, s/d).

Para melhor visualizar a quantidade e representatividade das variáveis linguísticas estudadas nos 67 atlas e projetos brasileiros analisados até o ano de 2023, organizou-se a Tabela 1, a seguir.

Tabela 1 - Variáveis mapeadas nos atlas linguísticos brasileiros

VARIÁVEIS MAPEADAS	TOTAL DE OCORRÊNCIAS	% DE OCORRÊNCIAS
Diatópica (Topostática)	67	100%
Diagenérica	63	94%
Diageracional	57	85%
Diastrática	29	43,2%
Dialingual	10	14,9%
Diatópica (Topodinâmica)	5	7,4%
Diafásica	4	5,9%
Diaétnica	4	5,9%
Diarreferencial	3	4,4%
Diazonal	2	2,9%
Diarreligiosa	1	1,4%

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Os dados apresentados na tabela 1, representam o número de variáveis linguísticas mapeadas no conjunto de 67 atlas produzidos/elaborados, ou em andamento, dos quais se teve acesso à metodologia. Em linhas gerais, observa-se que a variável diatópica prevalece em

todos os atlas, isso se justifica uma vez que esta é a dimensão primeira com a qual os dialetólogos se detiveram no fazer geolinguístico, e, ainda hoje, demonstra-se essencial para a compreensão da dinâmica variacional no espaço geográfico.

As dimensões sociais: Diagenérica (94%), diageracional (85%) e diastrática (43,2%) aparecem, respectivamente, em segundo, terceiro e quarto lugares na lista percentual. Esses percentuais refletem a tradição dos estudos dialetológicos modernos, que a partir da década de 60 do século XX, passaram a incluir as variáveis sociais no fazer geolinguístico, influenciados pelos estudos da Sociolinguística Laboviana.

Esse caráter pluridimensional nos atlas linguísticos brasileiros parece ganhar força a partir da criação do Comitê Nacional do Projeto ALiB, em 1996, impulsionado pelos estudos da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (Radtke; Thun, 1998), da Geossociolinguística (Razky, 1998). Neste contexto, a produção de atlas linguísticos no Brasil passa a apresentar cada vez mais uma diversificação de abordagens com a inclusão de novas variáveis sociais nas metodologias dos projetos de atlas linguísticos.

Observando-se os percentuais registrados na tabela 1, verifica-se que as demais variáveis apresentam percentuais mais baixos, o que pode indicar que as mesmas ainda estão ganhando espaço no campo da Geolinguística, contudo, são expressivos os percentuais de controle dessas variáveis em um número considerável de atlas, como a variável dialingual, que aparece em 10 atlas, perfazendo um percentual de 14,9% do total de atlas estudados. O mapeamento dessa variável, ao lado das variáveis diaétnica (5,9%) e diarreferencial (4,4%), demonstra uma ampliação do escopo dos estudos dialetológicos brasileiros, para além dos domínios da língua portuguesa. Uma vez que o Brasil é um país no qual são faladas aproximadamente 200 línguas, sendo 180 línguas indígenas e outras línguas de imigração, além das zonas de fronteira, é justo e necessário que os atlas linguísticos brasileiros mapeiem cada vez mais essa diversidade de línguas, isoladamente, ou em contato com a língua portuguesa.

A tabela 1 apresenta ainda os seguintes percentuais: variável Diatópica-Topodinâmica ou Diatópico-cinética (7,4%), Diafásica (5,9%), Diazonal (2,9%) e Diarreliosa (1,4%). Embora, em baixo percentual, tendo em vista o conjunto dos atlas linguísticos que são produtos de complexa e exaustiva elaboração, pode-se dizer que o registro dessas variáveis inovadoras corrobora a tendência de ampliação dos aspectos metodológicos controlados na elaboração dos atlas linguísticos no Brasil, na atualidade.

Pode-se afirmar, portanto, que os dados aqui estudados dão indícios de que as variáveis linguísticas mapeadas nos atlas linguísticos brasileiros têm aumentado à medida que o tempo avança e os estudos geolinguísticos se diversificam, para dar conta da descrição da diversidade das línguas faladas no Brasil. A exemplo da variável diaétnica, que surgiu da necessidade de compreender a variação linguística em cinco áreas indígenas da Amazônia Oriental, nas quais há contato de cinco línguas indígenas com o português, no estudo de Guedes (2017). Como no caso das variáveis diazonal e diarreligiosa, o mapeamento da variável diaétnica representa um esforço no intuito de uma descrição mais específica da variação linguística, levando-se em consideração as especificidades do contexto de uso da(s) língua(s) mapeadas.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho atualizou e discutiu o estado da arte da produção dos atlas linguísticos brasileiros nos últimos 60 anos. O levantamento demonstrou a existência de 83 produtos geolinguísticos brasileiros, sendo 65 atlas publicados/elaborados, e 18 projetos em andamento. A partir das análises das metodologias dos 67 trabalhos disponíveis nas plataformas consultadas, este estudo indicou que novas variáveis linguísticas estão sendo

incluídas nas metodologias dos atlas linguísticos brasileiros. O que, por sua vez, favorece uma descrição mais específica da diversidade linguística no país.

Os resultados apresentados nesta pesquisa demonstram também que a criação do Comitê Nacional do Atlas Linguístico do Brasil, em 1996, exerceu forte influência, impulsionando a criação de novos atlas linguísticos no Brasil. Os dados demonstram ainda que, no cenário nacional, a Geolinguística seguiu as tendências internacionais, com a inserção das dimensões sociais, como: diagenérica, diageracional e diastrática nas metodologias dos atlas, especialmente a partir da década de 60 do século XX. Esse processo de ampliação metodológica avançou e resultou no surgimento de variáveis inovadoras já mapeadas em atlas brasileiros, como as variáveis diarreferencial, dialingual, diazonal e diaétnica.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2013.

ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas linguístico do Paraná II**. 2007.693 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, S. M. A. O Atlas Linguístico do Brasil de “nascituro” a “adolescente”: In: AGUILERA, V. A. (org.). **A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: EDUEL, 2013. p. 4.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GUEDES, Regis José da Cunha. **Estudo Geossociolinguístico da variação lexical na zona rural do estado do Pará. 2012**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2012.

GUEDES, Regis José da Cunha Guedes. **Perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas tupi-guarani em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão**. 2017. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará.

GUEDES, Regis José da Cunha Guedes. Variável diaétnica: repensando a variação geolinguística pluridimensional contatual. **Dossiê Temático**. Portal de periódicos UnB. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/download/29735/26121>. acesso em: 1 jul. 2020.

GUY, Gregory R. Rumos da sociodialetoleologia da América Latina. In: Congresso Internacional de Dialetoleologia e Sociolinguística (2.: 2012 : Belém, PA). **Anais II CIDS: Diversidade linguística e políticas de ensino**. Coord. Abdelhak Razky, Marilúcia Barros de Oliveira, Alcides Fernandes de Lima. São Luís: EDUFMA, 2012. p. 44-60.

- RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Eine Bilanz. In: RADTKE; Edgar; THUN, Harald (eds.). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie**. Kiel: WestenseeVerl., 1996. p. 124.
- RAZKY, Abdelhak. O Atlas geo-sociolinguístico do Pará: Abordagem metodológica. In: AGUILERA (Org). **A geolingüística no Brasil: Caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL, 1998.
- REIS, Regiane Coelho Pereira. **Variação linguística do português em contato com o espanhol e o guarani na perspectiva do atlas linguístico-contatual da fronteira da fronteira entre Brasil e Paraguai (ALF-BR PY)**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.
- ROMANO, Valter Pereira. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**. Londrina, v.13, nº 02, p. 203-242, jul./dez. 2013.
- SILVA, Greize Alves da; ROMANO, Valter Pereira. O Atlas Linguístico do Brasil e os atlas de pequeno domínio: complementações e propósitos. In: SILVA, Greize Alves da; ROMANO, Valter Pereira. **Tendências da Geolinguística brasileira e a nova geração de Atlas Linguísticos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.
- THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: RUFFENO, Giovanni. **International Congress of Romance Linguistics and Philology**. Tübingen: Niemeyer, 1998.
- THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. (org.) **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 63-92.